AMY ENGEL

AQUELE SÍTIO ESCURO

Por vezes, as respostas
são piores do que as perguntas.
Por vezes, é melhor não saber.

SUMA de letras

Habituamo-nos ao escuro
Quando a luz se apaga
Emily Dickinson

FIM

Morreram durante um anormal nevão de Abril, um charco de sangue por cima de um leito alvo e disforme. Mais tarde, algumas pessoas aventaram que o assassino talvez se tivesse guiado pelo acumular de nuvens pardacentas. Aproveitado as condições climatéricas como um indício para atacar e o momento em que todos estavam no aconchego do lar, a tremer nas camisolas estampadas e a resmungar acerca do aquecimento global. Detectives de trazer por casa a tentarem dar sentido a algo que seria sempre insensato. Estavam equivocados, é claro. Nada teve a ver com as condições climatéricas. Se pudessem falar, era o que as meninas lhes teriam dito.

Izzy foi a primeira a morrer, com o cabelo castanho-escuro emaranhado a cobrir-lhe a cara e um olho a espreitar por entre as madeixas. Um lento pestanejar, o olhar fixo no rosto de Junie. Outro pestanejar, a visão a esfumar-se. Junie esperou por um terceiro pestanejar que nunca aconteceu e viu o sangue a preencher o espaço que as separava. Tentou chegar junto de Izzy, abaná-la de modo a fazê-la despertar, mas não conseguiu mexer o braço. Sentiu-se pesada, embora não se lembrasse de ter sido amarrada. Para dizer a verdade, não se lembrava de coisa alguma. Porque se encontrava ali ou o que estava a acontecer. Apenas um vago e distante terror que pulsava ao ritmo do seu coração, que batia cada vez mais devagar. Tentou emitir um som pela garganta dorida; um nome, uma súplica, uma prece. Mas o som morreu-lhe nos lábios. Uma bolha de sangue rebentou e derramou-se. Sentiu a neve fria contra a cara.

— Chiu… — disse uma voz. — Já falta pouco. Chiu… — Uma mão na cabeça, afagando-lhe o cabelo.

Desviou o olhar para cima, a única parte do corpo que parecia conseguir mexer. Viu a beira do baloiço, um ramo revestido de branco, o céu baixo, plúmbeo. A última vez que esteve ali foi com a mãe. Comeram um gelado que começou a derreter e lhes escorreu pelas mãos mais depressa do que o conseguiram comer. Anoitecer quente e suado e pirilampos. A baloiçar lado a lado e a mãe de Junie a saltar do baloiço quando este atingia o ponto mais alto, com os cabelos louros a adejarem nas costas, uma gargalhada rouquenha a entrecortar a atmosfera. Revelar o segredo a Junie não era pensar nele. Fecha os olhos e voa.

Mamã. A saudade rasgou-lhe as entranhas como um anzol, o corpo a sacudir-se no chão, um espasmo na mão forçando-a a fechar-se. *Quero a mamã.* Sentiu o perfume da mãe, um aroma primaveril pulverizado apenas uma vez para o frasco durar mais. Ouviu a voz da mãe, a segredar-lhe palavras de conforto ao ouvido. Sentiu um sabor salgado, lágrimas nos lábios e sangue na boca. Sabia que era o fim e nem queria acreditar que estava a chegar assim tão perto do início. Soltou um suspiro. *Olha para mim, mamã. Consigo fazê-lo.* Fechou os olhos e planou.

UM

Tinha passado todo o dia com um olho no relógio. E também aguentei muita coisa por causa disso. Sempre que me debruçava sobre o balcão para recolher um pedido, Thomas dava-me uma pancada na mão com a sua espátula gordurosa.

— Tens de ir a algum sítio? — perguntou, com uma interjeição reprovadora em surdina.

— Sim, a um sítio melhor do que este pardieiro — retorqui, soltando uma gargalhada quando tentou acertar-me outra vez com a espátula. Basicamente, a única coisa boa de trabalhar naquele pardieiro há mais de uma década era que já não precisava de me preocupar com as boas maneiras.

— São quase cinco horas — exclamei, depois de ver o ponteiro dos minutos a arrastar-se uma última vez no relógio.

— Que pressa vem a ser essa? — indagou Louise, enquanto atava o avental à volta da cintura avantajada. — Pareces um cordeiro no meio de uma matilha de lobos. Se continuas assim, o Thomas ainda vai ter um enfarte. Sabes que ele detesta quando estamos distraídas.

Espreitei outra vez pelo postigo que dava para a cozinha e pisquei o olho a Thomas, que não conseguiu manter o cenho franzido.

— Não sei — admiti. — Acho que me sinto agitada. — Talvez fosse do tempo, esquisito e inesperado. O dia anterior fora primaveril, o ar perfumado pelas flores silvestres. Hoje havia neve colada às vidraças do restaurante, redemoinhos minúsculos a entrarem à socapa sempre que alguém abria a porta. No entanto, o Sol começava a espreitar por detrás do manto de nuvens, mesmo a tempo de se pôr. Já se formavam regatos de neve derretida nas extremidades do parque de estacionamento. Pela manhã, a Primavera voltaria.

Mas o Missouri é mesmo assim. Como os antigos costumam dizer: «Depressa vai o tempo que depressa vem.»

— Pode ser das sirenes — aventou Thomas. — As malditas sirenes quase me deixaram louco.

Louise concordou com a cabeça e fez-me sinal para lhe passar os frascos de *ketchup* meio vazios para os encher.

— Deve ter havido um monte de acidentes. Ouvi dizer que houve um enorme reboliço no antigo parque infantil. Conduz-se muito mal por estas bandas. — Na cozinha, Thomas concordou, bufando com desdém, e Louise virou-se para ele. — Quando foi a última vez que nevou em Abril? Parece que foi há uma eternidade.

— Mesmo antes de a Junie ter nascido — respondi, sem hesitar. — Há treze anos. — Lembrei-me de como estava gorda, com os tornozelos inchados ao ponto de não conseguir calçar as botas de neve e ter de enfrentar o temporal com as minhas sapatilhas muito usadas.

— Oh, meu Deus, pois foi — concordou Louise. Acabou de encher um frasco de *ketchup* e fê-lo deslizar na minha direcção. — Tens grandes planos para sábado à noite? — Fez um passo de dança. — Talvez dançar? Beber um copo? Coisa e tal?

— Prometi à Junie que ia para casa cedo para vermos um filme e comer *pizza*. Desde ontem que não a vejo. — Não foi preciso ver Louise a revirar os olhos para saber que achava patética a minha versão de uma alucinante noite de sábado. Já me tinha dito diversas vezes que estava a desperdiçar a juventude. *Trinta a caminho dos cinquenta,* era um dos seus comentários favoritos em relação à minha vida social inexistente.

— Quando os meus tinham a idade dela, ficava toda contente quando alguém os levava durante uma semana. Aqueles espertalhões. — Louise abanou a cabeça. — Afinal de contas, onde é que ela tem estado?

— Passou a noite em casa da Izzy Logan. — Não desviei o olhar da zona do balcão que estava a limpar. Ignorei o arrepio que senti na nuca.

— Aquelas duas são unha com carne — comentou Louise, e a ligeira nota de incredulidade na sua voz não me passou despercebida. Eu já estava habituada, sabia que, de uma maneira geral, raparigas como Junie e Izzy não costumam andar juntas. Sobretudo nesta vila, que bem podia ter uma luz de néon a dividi-la ao meio. *Escumalha branca e pobre deste lado. Não atravessar.* Não parecia importar que noventa por cento da vila estivesse encalhada do lado errado. A linha invisível não se deslocava com base na regra da maioria, pelo menos no que dizia respeito a confraternizar com a família de Jenny Logan. Quando andava no primeiro ano do ensino secundário e percorria as bermas das estradas à procura de latas para reciclar, costumava ver Jenny a passear no seu pequeno descapotável branco. Ela foi para a universidade quando eu estava no segundo ano, e presumi que nunca mais regressaria a casa. Porém, regressou dois anos depois com metade do curso concluído e um universitário preparado para assumir as rédeas do negócio de venda de barcos do pai. Pelos padrões da cidade não eram nada de especial, mas, por estas paragens, os Logan eram quase realeza. Também não era preciso muito. Bastava ter um emprego decente e uma casa que não pudesse ser deslocada.

— Sim — anuí. Detestava o modo como todos agiam, como se devesse estar grata por Izzy gostar da minha filha, por os pais de Izzy acolherem Junie na sua casa. Nunca ninguém me perguntou o que eu achava, o mais certo seria ficarem espantados quando percebessem que não estava de todo grata, que há muito teria posto cobro àquela amizade se arranjasse maneira de o fazer sem deixar a minha filha triste. Sentia-me ofendida com os telefonemas de Jenny a combinar encontros, partindo sempre do princípio, mesmo depois de a ter lembrado várias vezes do contrário, de que o meu horário era muito flexível. Desviava o olhar dos acenos maquinais com que Zach, o pai de Izzy, me brindava do alpendre quando encostava o meu velho *Honda* à berma, com o vidro traseiro improvisado com cartolina e fita-cola. Fiquei à espera e a fazer figas para que a primeira

explosão de amizade amainasse, que algum estúpido drama as apartasse. Mas já passaram anos e, até agora, a ligação entre elas parecia inabalável. E isso também não me agradava. Detestava pensar no significado que poderia ter.

Larguei o pano em cima do balcão e pressionei a zona lombar com as mãos. Era demasiado jovem para me sentir tão em baixo ao fim do dia, com dores nas pernas e a coluna a latejar. Seria de esperar que a neve diminuísse a afluência ao restaurante, mas o clima era o segundo tema de conversa que as pessoas mais apreciavam, logo a seguir à política. O restaurante esteve o dia todo à pinha e só agora começava a ficar vazio, quando as pessoas regressavam a casa para o jantar. A prateleira das tartes estava vazia e eu nem me atrevia a adivinhar quantos cafés tinha servido nas últimas oito horas. Muita conversa e pouca gorjeta. O género de dia que menos aprecio.

— Parece que o teu irmão está a estacionar — disse Louise. — Espero que não queira tarte de maçã. Está com azar.

Endireitei-me e vi Cal a estacionar o carro em frente. Mesmo depois de tantos anos, ver o meu irmão ao volante de um carro-patrulha não deixou de ser um pequeno choque. Passámos a maior parte da infância a fugir da polícia, crescemos sempre à coca por causa das forças da lei. O género de serviço público que nos poderia valer mais um dólar, dado pelos traficantes que usavam o balcão rachado da nossa mãe como fachada de loja. Por isso, polícia não ocupou os lugares cimeiros da minha lista de possíveis profissões promissoras para o meu irmão. Mas ele surpreendeu-me, primeiro ao tornar-se um e, depois, ao ser bom naquilo que faz. Dizia-se pela vila que era exigente mas sempre justo, o que era mais do que se podia dizer do seu superior e dos outros delegados indolentes. Certa vez, quando Thomas, embriagado, passou a noite na cadeia por ter provocado distúrbios, disse-me que Cal «é amável, mesmo quando coloca as algemas». Por estas bandas, os elogios às forças da lei não podem ser muito melhores.

— Não costuma estar na vila aos sábados — disse. Não havia muitos chuis nesta zona, pois tinham de patrulhar não apenas Barren Springs, mas várias outras pequenas vilas e longos trechos de auto-estrada, quase sem tráfego de permeio.

— Talvez esteja a precisar de um café — alvitrou Louise. — De certeza que teve um dia longo. — Ajeitou o cabelo com a mão. Louise tinha idade para ser mãe de Cal, mas até ela se portava de um modo ridículo na sua presença, querendo tanto mimá-lo quanto namoriscar com ele.

— É capaz — respondi, mas senti um nó no estômago quando Cal saiu do lugar da frente da viatura policial. Fechou a porta e ficou ali, cabisbaixo, com a luz a incidir-lhe no cabelo louro. Passado algum tempo, endireitou-se e puxou os ombros para trás. Estava a ganhar coragem, pensei, e o nó pesado que sentia no estômago caiu ao chão. Aquelas sirenes… Tentei convencer-me de que nada tinham a ver com Junie, que era demasiado jovem para conduzir e muito crescida para brincar num parque infantil. Peguei no pano e desviei o olhar da janela, esfreguei de novo o balcão de fórmica todo rachado e não ergui a cabeça quando ouvi a sineta a tilintar por cima da porta.

— Olá, Cal — cumprimentou Louise, com um timbre esganiçado e ameninado. — Queres…

Pelo canto do olho, vi o meu irmão a erguer a mão e a interromper Louise.

— Eve — disse, baixinho, a caminhar na minha direcção. Os seus sapatos de chui faziam barulho no velho chão de linóleo.

Eu não ergui a cabeça, continuei a esfregar. O motivo que o trazia ali, aquilo que me incomodou o dia todo, não seria verdade, não teria *acontecido*, se conseguisse impedi-lo de o verbalizar.

— Eve — repetiu. Vi a fivela do cinto encostada à berma do balcão e ele acercou-se de mim, pousou a sua mão na minha. — Evie…

Desviei a cabeça com um safanão e recuei um passo.

— Não — retorqui. Queria pronunciar aquela palavra num tom empedernido e ríspido que o fizesse calar, mas a minha voz vacilou e emperrou, dissipando-se em nada.

— Olha para mim — disse Cal, delicado mas firme. A sua voz de irmão mais velho. Olhei para cima devagar, sem querer ver, sem querer saber. Cal tinha os olhos vermelhos e inchados. Esteve a chorar, percebi com um pequeno choque eléctrico. Não me lembrava de alguma vez ter visto Caleb a chorar, nem uma única vez ao longo da nossa infância de merda. Fitei os seus olhos azul-claros e ele os meus. Como sempre, era como olhar para um espelho, mas um que me devolvia o reflexo mais vivo e nítido. O mesmo cabelo, os mesmos olhos, as mesmas sardas, mas tudo envolto num esplendor que eu, simplesmente, não tenho. Como se a natureza tivesse despejado todo o seu quinhão genético no meu irmão e depois, quando, onze meses mais tarde, eu cheguei, apenas sobrasse o suficiente para fazer uma réplica de segunda craveira.

— O que foi? — perguntei. De súbito, estava preparada para o que quer que fosse que me aguardava por detrás dos seus lábios. Como não respondeu, atirei-lhe o pano, que lhe embateu no peito e lhe manchou a camisa. — O que foi? — repeti, quase a gritar. Louise aproximou-se de mim e pousou-me a mão no braço. O seu toque, normalmente aquilo que eu tinha que mais se assemelhava ao conforto de uma mãe, cravou-se-me na pele e afastei-a com um repelão, com o corpo a zumbir como um cabo eléctrico sem corrente.

— É a Junie, Eve — disse Cal. — É a Junie. — A voz embargou-se-lhe e desviou o olhar, mas continuou a falar. — Tens de vir comigo.

Senti-me colada ao chão, os pés a enterrarem-se no soalho, o corpo pesado como o chumbo.

— Ela morreu?

Ao meu lado, Louise abafou um arquejo. Aquele som fez-me perceber que tinha ido longe demais, que dei um passo que Louise nunca daria. Mas Louise não cresceu como eu. Sem dinheiro, sim. Com cupões de alimentação e queijo fornecido pelo governo, sim.

Mas não no meio da violência. Não foi criada numa casa pré-fabricada a tresandar a homens casuais e a queimadores de metanfetaminas. No meio de caras desconhecidas e risos excessivos, na sua maioria sulcadas e maléficas. Tudo isso aninhado nas montanhas Ozark, um local a apenas a vinte e cinco quilómetros da estrada mas tão recôndito, tão escondido do resto do mundo, que parecia ser a sua própria bolsa de tempo obscura.

Mas Cal sabia. Olhou outra vez para mim e fitou-me. O meu irmão nunca mentia, não a mim. O que dissesse a seguir seria a verdade, quer eu conseguisse ou não suportá-la.

— Sim — disse, por fim. — Ela morreu. Lamento, Evie.

— Como? — ouvi-me a perguntar, com a voz tão longínqua quanto um balão de hélio à deriva por cima da minha cabeça.

Cal cerrou os maxilares e inspirou pelo nariz.

— Ao que parece, foi assassinada. — Só mais tarde, quando soube todos os pormenores sórdidos, é que recordei este momento e percebi como, mesmo assim, o meu irmão estava a tentar poupar-me a algo.

Na minha mente, caí ao chão, com a boca retorcida e aos uivos. Gritei até perder a voz. Arranquei os cabelos. Bati com a cara no linóleo até rebentar o nariz e derramar sangue escuro. Todavia, na realidade, apenas lhe virei costas, peguei no casaco e na bolsa que estavam no cabide atrás de mim e vi, pelo canto do olho, o rosto de Thomas em choque, com a boca aberta e os olhos esbugalhados. Passei pela mão estendida de Louise e contornei o braço esticado do meu irmão. Saí para o ar frio, a cheirar a neve, e semicerrei os olhos devido à luminosidade fraca que escapava pelo meio das nuvens. Por fim, aconteceu. A calamidade que esperava desde o momento em que Junie nasceu. E nem sequer a pressenti.

DOIS

Nunca é aquilo de que já estamos à espera que nos deixa em choque. É sempre algo traiçoeiro, que se esgueira pelas nossas costas quando estamos atentos a outra coisa. Quantas vezes a minha mãe nos disse isso quando éramos pequenos? Um minúsculo acepipe de perspicácia na sua existência que, de outro modo, era alimentada a álcool e drogas. A lição que o seu próprio pai lhe ensinou, que sofria do coração, a quem cada soluço ou ataque de asma deixavam adivinhar uma morte iminente. Até ao dia em que um cancro no estômago surgiu do nada, e lhe tirou a tosse, antes de o coração ter tempo para perceber o que estava a acontecer. Quando era pequena, era tão raro a minha mãe distribuir sabedoria que me agarrei a esta pepita como se fosse uma tábua de salvação. Passei o meu tempo a tentar adivinhar todas as calamidades que poderiam abater-se sobre nós, com a esperança de que nada nos apanhasse desprevenidos. E quando a minha filha nasceu, pressagiei milhões de maneiras como o meu acérrimo e desvairado amor por ela poderia dar para o torto: síndrome de morte súbita do lactente ou asfixia com um pedaço de cachorro-quente quando a Junie era pequena; um acidente rodoviário ou leucemia infantil enquanto estava a crescer; um rapaz mais velho perigoso ou a propensão da avó para as drogas, que se prolonga por gerações, agora que estava a chegar à adolescência. Mas ser degolada no parque infantil enquanto brincava como uma menina pequena? Não, essa história de terror nunca antevi. Não nesta pequena vila no meio de nenhures onde, se não conhecemos uma pessoa, pelo menos conhecemos algum familiar, a quem pertence, de onde veio. Na realidade, a culpa de tudo isto é minha. Porque se tivesse

um pouco mais de imaginação, se tivesse roubado a ideia antes de o universo lhe ter deitado a mão, talvez a minha menina ainda estivesse viva.

— Onde é que ela está? — perguntei, com a cabeça encostada ao vidro do passageiro. Lá fora, a luz do dia diminuía depressa, deixando um risco de ocaso cor de laranja a arder por detrás das nuvens. Os edifícios ficavam indistintos para trás à medida que descíamos a estrada esburacada de duas faixas que atravessava a vila: a mercearia, com a sua pirâmide irregular de rolos de papel higiénico na montra, o edifício do banco, de tijolo caiado, que ao longo do tempo ficou acinzentado, a loja de sanduíches onde ninguém comia a menos que quisesse apanhar uma intoxicação alimentar. Como é que eu ainda estava aqui, neste sítio esquecido, um beco sem saída que nem sequer conseguia transmitir a mais ínfima sedução nostálgica? Sem uma praça pitoresca, passeios onde caminhar nos dias de Primavera, lojas antigas que vendem tesouros feitos à mão, apenas um aglomerado de edifícios deteriorados ao longo da estrada e uma insipidez trivial e conspurcada que é comum a tudo e a todos. Porque não parti com Junie para outro lugar? Do que estive à espera? Senti algo na garganta, vómito ou lágrimas, mas contive-me. *Agora não*, disse com os meus botões. *Mais tarde.*

— Está na casa mortuária — respondeu Cal, sem desviar o olhar da estrada, com as mãos agarradas ao volante e os nós dos dedos brancos. Fez um compasso de espera e depois foi direito ao assunto, como era seu apanágio. — À espera do médico-legista. Estão lá as duas.

Ele já me tinha dito que Izzy também tinha morrido e eu fazia um esforço para compreender. Como é que duas meninas de doze anos podiam estar vivas e a rir de manhã e, algumas horas depois, já não respiravam? É um cliché dizer que tinham a vida inteira pela frente, mas também é verdade. Eu não compreendia como a minha filha, cuja presença iluminava tudo à sua volta, cuja vida tornava a minha suportável, podia estar morta. Não era suposto o mundo parar no momento em que ela o deixou?

Cal estacionou mesmo em frente à casa mortuária, no local reservado ao carro fúnebre. A entrada era ladeada por falsos pilares, para dar a sensação de ser um local distinto e desviar as atenções do facto de se tratar de uma deplorável construção de blocos de betão, edificada num terreno de alcatrão rachado. Não era o género de lugar onde alguém iria querer despedir-se para todo o sempre. Cal desligou o motor e, de repente, o final de tarde ficou em silêncio. Quando se virou para mim, tinha a cara pálida e um ar sinistro.

— Consegues fazer isto? — perguntou. — Porque não és obrigada. Não neste momento.

Mas eu já estava a abrir a porta do passageiro.

— Sou capaz — disse, virando-me para trás. Na verdade não sabia se era capaz, mas seguir em frente pareceu-me a única opção. Ficar parada seria insuportável, daria à realidade uma hipótese de se colocar ao meu lado e fincar-me as presas até ao osso. Não queria imaginar, nem por um segundo, a minha vida sem Junie. Como seria um vazio a partir de agora. Desprovida de sentido.

Estava outro delegado à nossa espera logo à entrada, com o chapéu encostado ao ventre bojudo devido à cerveja. John Miller, que eu conhecia desde sempre, que me deixava sentar na parte de trás do seu carro-patrulha para me aquecer quando a bófia fazia uma rusga à rulote da minha mãe à procura de metanfetaminas. Uma vez por ano, sem falhar, e saíam sempre de lá de mãos a abanar. A minha mãe podia ser ignorante mas nunca — nunca — foi estúpida. Mas hoje, o delegado Miller agiu como se nunca me tivesse visto, deu-me os sentimentos em voz baixa e manteve os olhos fixos num ponto algures por cima do meu ombro esquerdo. Pouco me importou, mas pareceu-me sentir Cal a empertigar-se ao meu lado. Eu também não queria olhar para os olhos de Miller para ver compaixão e horror. Queria continuar a fazer de conta que era um pesadelo muito real do qual acordaria e que revelaria a Junie, enroscada com ela na sua cama estreita. Abraçá-la-ia com muita força até se contorcer e ela me dizer para não me preocupar.

— O xerife está à tua espera na sala mortuária — informou Miller, colocando a mão no ombro de Cal quando íamos a passar. Cambaleei um pouco, tão pouco que ninguém reparou, mas Cal estendeu a mão e segurou-me pelo cotovelo.

— Está tudo bem — murmurou. — Estamos todos no mesmo barco.

Eu e o xerife Land nunca estaríamos no mesmo barco, nem que vivêssemos mil anos. Contudo, não o podia dizer a Cal, nunca poderia olhar para ele nos olhos e explicar-lhe porquê. Se soubesse o que eu fiz, nunca me perdoaria. Pior ainda, nunca se perdoaria. Assenti e segui-o até uma porta fechada ao fundo do corredor. Cal hesitou com a mão no puxador, a minha última oportunidade para desistir, e, quando lhe fiz sinal para prosseguir, abriu a porta. Desviou-se para me deixar entrar primeiro. A sala era pequena, demasiado quente e estava cheia de corpos, embora apenas estivessem três pessoas lá dentro: o xerife Land e os pais de Izzy, Jenny e Zach. Não sei porque é que a presença deles me espantou. Talvez por perceber que, a partir de agora, formaríamos uma parelha, conquanto desigual. Os pais de meninas mortas. Unidos para sempre. Histórias lastimáveis que servem de lição.

— Entra — disse o xerife, com o seu enorme bigode grisalho a tremer por cima do lábio. Tinha o cabelo penteado para trás, a esconder a calva que começava a notar-se e que, sabia-o, estava a corroê-lo. Senti um nó no estômago e virei a cabeça. — Senta-te. — Depois, já demasiado tarde, acrescentou: — É uma pena que tenhas de estar aqui. — Como se apenas naquele momento se lembrasse do motivo que me levou ali. Como se tivesse esquecido o facto de a minha filha também ter sido assassinada.

Sentei-me no lugar vago ao lado de Zach, que olhou para mim fugazmente, com os olhos arregalados e em choque. A sua graciosidade desenxabida de pai tinha dado lugar a algo terrível e questionei-me se também estaria assim alterada. Se me reconheceria da próxima vez que me olhasse ao espelho. Tinha a mesma camisa

de botões e calças de caqui, os dentes alinhados e o cabelo grisalho a despontar nas têmporas que me habituara a ver. Mas agora o seu olhar era assombrado, o espectro da ausência da filha vincado nas feições. Ao seu lado, Jenny choramingava sem parar. Eu apenas lhe conseguia ver a parte de cima do cabelo escuro e liso, a cabeça baixa e os soluços abafados por detrás de um aglomerado de *Kleenex* encharcados. A julgar pelo modo indulgente como o xerife Land olhou para ela, percebi que, pelo menos Jenny, encarnou na perfeição o papel da mãe desolada. Ao contrário de mim que, pelos vistos, ainda não tinha conseguido verter uma lágrima, mas sentia-as a acumularem-se e a assomarem mesmo por detrás dos olhos.

O xerife Land sentou-se frente a nós, empurrando para o lado um arranjo de flores artificiais cheio de pó, de maneira a conseguir ver-nos bem. Cal encostou-se à parede, com os braços cruzados à frente do peito.

— Ora bem — disse o xerife Land —, sei que isto é difícil e, acreditem, detesto ter de vos fazer perguntas num momento como este, mas quanto mais soubermos, e quanto mais depressa, maiores as probabilidades de apanharmos este gajo.

— Sabes que é um gajo? — indaguei, com os punhos cerrados no tampo da mesa.

O xerife Land fez uma pausa.

— Neste momento não temos a certeza de nada, mas este tipo de crime, a maneira como foram mortas… — Abanou a cabeça. — Seria invulgar numa mulher, apenas isso.

Pensei que era o maior disparate que já tinha ouvido.As mulheres podem não agir com tanta frequência quanto os homens mas são capazes de qualquer coisa, podem ser tão terríveis e bárbaras quanto eles, se quiserem. Eu conhecia pessoalmente a violência que podia haver dentro de uma mulher.

— Foram violadas? — perguntei. — É por isso que tens a certeza de que foi um homem?

O rosto do xerife Land ficou tenso. Não gostava que eu falasse, que interrompesse o rumo da conversa que traçara mentalmente. O xerife Land adorava ter tudo sob controlo, fazendo os outros andarem ao seu ritmo. Ao lado de Zach, Jenny conteve um arquejo e soltou um gemido baixo quando expirou. Zach acercou-se dela, deu-lhe uma palmadinha no braço e fulminou-me com o olhar, de um modo que me apanhou desprevenida.

— O que foi? — perguntei. — Não é suposto fazer perguntas destas? Existem *regras* nesta situação que desconheço? — Senti a raiva fervilhar dentro de mim, uma raiva contida durante anos. Não queria dar motivos para que as pessoas desconsiderassem a minha filha mas isso já não importava. Não me importava que pensassem que era uma finória, que me metesse em brigas ou me portasse como uma idiota. Junie estava morta e eu já podia desembuchar tudo. Não me ocorria um sítio melhor para começar do que neste momento e nesta sala.

O xerife Land aclarou a voz e olhou para Cal por cima do ombro.

— Não — disse Cal do local onde se encontrava, encostado à parede. — Não há regras. — Olhou-me fixamente nos olhos. — Enquanto o médico-legista não chegar não temos a certeza de nada mas, pelo que nos foi dado a entender, não foram violadas. A roupa estava intacta.

Assenti, olhei para o xerife Land e esperei que continuasse.

— Gostávamos de saber se as meninas falaram de alguém novo nos últimos tempos. Alguém que conheceram? Algo diferente nas suas rotinas? Comportamentos? Algo que vos parecesse estranho?

Pensei nas últimas semanas, sondando as galerias da minha memória, mas não me lembrei do que quer que fosse.

— Não me ocorre nada — acabei por dizer. — A Junie pareceu-me como sempre.

— A Izzy também andava bem — disse Zach, com a voz roufenha devido às lágrimas. — Que eu saiba.

Olhámos todos para Jenny, que concordou com um gesto de cabeça.

— Não compreendo — disse, escondida atrás de um punhado de lenços. — Foi um desconhecido, não foi? Quero dizer, alguém de outra terra? Ninguém *daqui* faria uma coisa destas.

Falas como a embaixadora oficiosa de Barren Springs, pensei. Até nestas circunstâncias, a defender a reputação de uma vila que não o merece.

— Ora bem — disse o xerife Land —, não recebemos muitos turistas nem forasteiros nesta época do ano. Não estamos a partir de um pressuposto, mas também temos de considerar a possibilidade de ter sido alguém da terra.

Verdade seja dita, não recebíamos muitos turistas ou forasteiros em qualquer época do ano, a menos que contássemos as pessoas que param para encher o depósito a caminho de destinos mais aprazíveis. De um modo geral, um sítio mais perto de um dos lagos que as atraíam até esta parte do mundo. E tenho sérias dúvidas de que essas pessoas conseguissem encontrar o deteriorado parque da vila ou estivessem interessadas em ir lá em plena borrasca. O xerife Land podia não estar preparado para partir de um pressuposto, mas eu estava. A minha filha e Izzy tinham sido assassinadas por uma pessoa da terra, alguém cujo rosto provavelmente reconheceram. Senti uma dor bem no fundo da barriga e não tive a certeza se o facto de a minha filha conhecer a pessoa que lhe furtou a vida tornou, ou não, os seus últimos momentos mais suportáveis.

— Muito bem — disse o xerife Land, recostando-se na cadeira, com as mãos em campanário à sua frente. — E as pessoas que se davam com as meninas? Viram alguém a passar de carro pelas vossas casas? Talvez a mesma cara que aparecia quando vocês não estavam? — Desviou o olhar de mim para Zach e depois para Jenny. — Nada parecido?

— Esta vila tem menos de mil pessoas — salientei. — Estou sempre a ver as mesmas caras. — Sacudi a mão na direcção de Zach

e de Jenny. — Deve acontecer o mesmo com eles. — Sabia que a minha atitude não estava a ajudar, que não estava a facilitar a caça ao assassino de Junie. Contudo, não sabia como estar sentada à frente de Land e fingir que não passávamos de meros adversários. Há muito que os nossos papéis tinham sido esculpidos na pedra.

O xerife suspirou.

— Muito bem. Então, o que dizem do Jimmy Ray? Têm-no visto nos últimos tempos?

Olhei para Land e sustivemos o olhar.

— Não — respondi, com firmeza. — Não o vi. — Fiz uma pausa. — Tu viste?

Land franziu o sobrolho.

— Vamos lá a ver…

— Quem é o Jimmy Ray? — perguntou Zach. — Ele tem algo a ver com isto? — Esta pergunta, mais do que qualquer outra coisa que ele pudesse dizer, reforçou o estatuto de forasteiro de Zach. Não importava que residisse em Barren Springs há mais de uma década, que fosse bombeiro voluntário e tivesse casado com Jenny Sable. Quem nasceu nesta vila, quem é mesmo de cá, conhece todos. Tão simples quanto isso.

— Não passa de um fracassado cá da terra — disse Jenny, fanhosa. — Jimmy Ray Fulton. Se o vires, sabes quem é. Tem aquela carrinha com o escape que faz barulho de que estás sempre a queixar-te.

— O Jimmy Ray é o ex dela — disse Land, apontando para mim com o polegar, sem se dar ao trabalho de desviar o olhar. — Tem um negócio de metanfetaminas em conluio com a mãe dela.

— Ex-namorado, não marido — atalhou Cal, como se isso fizesse alguma diferença para os Logan.

— Metanfetaminas? — indagou Zach, como se nunca tivesse ouvido essa palavra. — Ele disse metanfetaminas? — Percorreu a sala com o olhar, à procura de uma resposta.

— Sim — respondi. — Metanfetaminas. Sabes, a pequena indústria artesanal destas bandas. Ou, pelo menos, costumava

ser. Constou-me que o Jimmy Ray agora dedica-se à heroína. Isso é que dá dinheiro. Não lhe constou o mesmo, xerife? — Olhei para Land. Pelo canto do olho, consegui ver Cal a fitar-me e imaginar a expressão dele. *Quem é esta sabichona? Onde esteve escondida todos estes anos? Pensei que tinha desaparecido para sempre.* Por meu turno, senti-me aliviada por ela ter voltado. A minha versão de mãe de Junie não suportaria passar por isto. Mas talvez a velha e empedernida Eve Taggert tivesse uma hipótese de sobreviver.

— Não compreendo — disse Jenny. Desviou o olhar de mim para Land. — O xerife acha que o pai da Junie pode ter algo a ver com isto?

Consegui perceber a acusação na voz dela e, ao mesmo tempo, a total falta de admiração. Ninguém quereria fazer mal à Izzy, nenhum animal capaz de degolar uma menina faria parte da vida refinada e aprumada dos Logan. Por isso, teria de ser Junie. Foi a minha filha quem causou isto à dela, não o contrário. O pior de tudo era que pensava que, provavelmente, Jenny tinha razão.

— O Jimmy Ray não é o pai dela — disse, ríspida. — E ele não teve nada a ver com isto. Até ele tem escrúpulos. — Para dizer a verdade, tinha algumas dúvidas acerca dos escrúpulos de Jimmy Ray, ou da falta deles, mas precisava de acreditar que não seria capaz de tal coisa.

Seguiu-se um momento de silêncio, o zunido das lâmpadas fluorescentes parecia um martelo pneumático na minha cabeça.

— E o verdadeiro pai dela? — perguntou Land, por fim. — Qual é a história dele? Pode estar envolvido?

— Não — limitei-me a responder.

— Vive aqui perto? — insistiu o xerife.

Suspirei. Sabia que estava a fazer aquilo em proveito dos Logan. O xerife Land estava bem ciente do meu estatuto de mãe solteira e experiente.

— Não — respondi. — Foi apenas uma vez. Ele estava de passagem pela vila. Uma rapidinha, acho que é assim que se diz. — Zach

empertigou-se ao meu lado e senti um choque de vil prazer por ter sido capaz de o chocar.

— Nunca mais o viste? — perguntou o xerife.

Afluíram-me à mente recordações dessa única noite: cabelo escuro e desgrenhado, e sonhos sobre a cidade grande; selvático e carinhoso em igual medida, e as minhas costas arranhadas na berma do balcão do restaurante; a mão com que me afagou o rosto antes de partir. Afastei as recordações para o local onde pertenciam.

— Desde essa noite, nunca mais lhe pus a vista em cima.

Land anuiu e olhou para o bloco de notas à sua frente, mas consegui perceber a chispa de satisfação no seu olhar. Porém, se o objectivo dele era humilhar-me, teria de se esforçar muito mais. *Já o conseguiu*, murmurou a minha mente, e foi a minha vez de desviar o olhar.

— Pode ajudar-me a rever os eventos desta manhã? — pediu, olhando de relance para Jenny. — A que horas é que as meninas saíram de sua casa?

Solícita, Jenny juntou as mãos e inspirou, a tremer.

— Hum… a Junie estava a pensar ir para casa depois do almoço. No início da tarde. — Olhou para mim de relance. — Fiz-lhes sanduíches de queijo derretido e sopa de tomate por volta da uma, e depois a Junie pegou nas suas coisas. Eu ia levá-la a casa de carro, mas a Izzy suplicou-me que as deixasse irem a pé. Queriam brincar na neve. — Limpou a cara húmida com a mão. — Só tinham doze anos — murmurou. — Apenas queriam caminhar na neve.

Zach colocou-lhe um braço por cima dos ombros e ela encostou a cabeça a ele. Quando continuou, a voz chegou-me um pouco abafada:

— A Izzy ia ligar-me assim que chegassem a casa da Junie para eu a ir buscar. Em vez disso, a polícia apareceu à minha porta.

— O parque não fica a caminho do apartamento da Eve — salientou Cal.

— Pois não — concordou Jenny. — Não fica. Não sei porque foram lá.

Chamar àquilo parque era uma falácia. Dois baloiços e um túnel de betão rachado que, em geral, estava cheio de folhas e merda de gato. Uma velha gangorra de madeira cheia de farpas. A escola primária contígua foi demolida antes de eu nascer e apenas o parque infantil abandonado subsistiu, cercado por um gradeamento enferrujado. Eu e Junie íamos lá talvez uma vez por ano e jurava sempre a mim mesma que nunca mais lá voltaríamos. Era um parque infantil patético, que nos deixava deprimidos ao invés de despreocupados. Porém, para quem queria empurrar a filha num baloiço em Barren Springs, era a única opção.

Land apontou-me o dedo.

— Hoje fizeste o turno completo no restaurante?

— Das oito e meia às dezassete — assenti.

— E o Zach? Hoje trabalhou?

— Trabalhei. Saí de manhã, por volta das oito. Passei o dia no concessionário. Ainda lá estava quando vocês apareceram.

— Fez uma pausa para o almoço ou algo parecido? — indagou o xerife Land sem desviar os olhos do bloco de notas.

Zach hesitou e senti o seu braço a tremer junto ao meu quando voltou a falar.

— Acha que um de *nós* pode ter feito isto?

O xerife Land encolheu os ombros e ergueu as mãos.

— É claro que não, mas tenho de ponderar todas as possibilidades. É assim que se fazem estas investigações.

Olhei de relance para Zach e reparei que estava a ranger os dentes.

— Fiz uma pausa de vinte minutos para o almoço. Tarde, por volta das duas da tarde. Fui comprar uma sanduíche ao fundo da rua.

Partindo do princípio de que estava a dizer a verdade, deixava de ser suspeito. O concessionário de barcos ficava a uns bons trinta minutos de distância, na vila vizinha, ao fundo da estrada. Embora fosse pequena, a vila tinha uma loja que vendia todos os produtos

a um dólar, um McDonald's e uma biblioteca a sério. Zach nunca conseguiria vir, matar as meninas e depois regressar para lá em vinte minutos. Não que eu pensasse que era o assassino. No entanto, era bom riscar o nome dele da minha lista mental de suspeitos.

— E a senhora? — perguntou o xerife Land, virando-se para Jenny.

— Estive em casa o dia todo — respondeu Jenny. Ainda parecia aturdida com a pergunta. De certeza não estava a pensar que *ela* podia ter feito algo tão terrível.

— Foi a algum sítio depois de as meninas saírem?

— Não.

Inclinei-me à frente de Zach, de maneira a olhar para ela.

— Tentei ligar-te por volta das três mas não atendeste.

Jenny olhou para mim, a pestanejar. Tinha os olhos grandes e castanhos, um pouco salientes, como uma espécie de bichinho inocente da floresta.

— Eu... estava em casa. Talvez a tratar da roupa? A máquina de secar é muito barulhenta. — Desviou o olhar para Zach e de novo para mim.

— Porque lhe ligaste? — perguntou-me o xerife Land.

— Para saber da Junie. Ela não... — Fiz uma pausa e respirei fundo. — Não tinha telemóvel. Queria ter a certeza de que estava em casa às cinco.

— Deixaste mensagem? — perguntou Zach com um tom de voz glacial, como se eu é que tivesse algo a esconder.

— Não — respondi. — Pensei ligar outra vez mas estava atarefada.

— Então e a Izzy? — perguntou o xerife. — Tem telemóvel?

Zach anuiu.

— O meu antigo *iPhone*. Um 5 ou um 6.

— É um 6 — atalhou Jenny. — Preto. Está rachado no canto do ecrã e tem uma protecção de purpurina cor-de-rosa. Encontraram-no?

Land não respondeu e escrevinhou algo no bloco de notas.

Jenny mudou de posição na cadeira. As pernas ficaram presas no tapete encarapinhado e inclinou-se para a frente ao tentar levantar-se. Apoiou a mão na mesa para se equilibrar.

— Tenho de ir para casa — afirmou. — Não consigo fazer isto agora. Por favor. Basta.

Assim que proferiu estas palavras, o xerife Land levantou-se e disse:

— Claro, claro, podemos continuar a conversa amanhã.

Não sei porquê mas tinha a certeza de que, se fosse eu a pedir para terminar conversa, Land arranjaria maneira de me contradizer, pedindo-me que respondesse a mais algumas perguntas, que não demoraríamos a terminar.

Continuei sentada enquanto Jenny e Zach arrastavam os pés atrás de mim, todos a evitarem o olhar dos outros. Esperei até saírem para o corredor, onde Land apertou a mão a ambos e deu uma palmadinha no ombro de Jenny, e então olhei para Cal.

— Estás pronta para ir embora? — perguntou.

— Não — respondi. — Quero vê-la.

Todos são suspeitos.
Todos têm algo a esconder.
Mas alguém terá de responder
pela morte da sua filha.

Numa zona empobrecida das montanhas Ozark, no Missouri, numa pequena cidade com grandes segredos, duas raparigas de doze anos, Junie e Izzy, são encontradas mortas no parque infantil. Abandonadas como bonecas partidas, as suas gargantas cortadas.

Eve Taggert conhece o lado negro da vida. Sobreviveu a um lar desfeito e a uma mãe cruel e implacável que não lhe ensinou nenhuma ternura, uma dura lição que tem tentado desesperadamente poupar à sua pequena Junie. Destroçada pelo assassinato, Eve não tenciona desistir até descobrir quem matou a sua filha. Contra todos os seus instintos, talvez precise de recorrer à força cruel que a sua mãe lhe incutiu para enfrentar a verdade sobre o crime... e sobre a sua verdadeira natureza.

Uma história poderosa e marcante sobre laços familiares, vingança e coragem. E sobre como, por vezes, mesmo os lugares mais escuros e aterradores podem oferecer a sensação de proteção de um lar.

Penguin Random House Grupo Editorial
penguinlivros.pt
topseller.suma
sumadeletrasportugal
ISBN 9789897849541
9 789897 849541 >